

## Signos em Rotação: Individual e Retrospectiva de Alex Hamburger

Anna Corina Gonçalves<sup>1</sup>

O público que esteve na abertura da exposição *Signos em Rotação* foi recebido por Alex Hamburger de modo provocativo: o artista dormia, deitado em um dos vãos das janelas do Centro Municipal de Arte Helio Oiticica. Hamburger inaugura a exposição com a (in)ação *In/Out* (2016), questionando a figura do artista enquanto um 'grande criador', e confrontando o sistema e a instituição arte, no sentido de estar fora e dentro ao mesmo tempo. Com curadoria de Izabela Pucu, a exposição reúne trabalhos realizados ao longo de 30 anos e é a primeira individual de Hamburger.

---

<sup>1</sup> É artista, educadora e curadora independente. É Mestra em História Social da Cultura (PUC-Rio) e Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Artes na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).



Figura 1: Performance In/Out. Signos em Rotação, Centro Municipal de Artes Helio Oiticica. Alex Hamburger, 2016.

Hamburger conversou conosco e falou um pouco sobre sua trajetória artística, que de certa maneira começou com sua vinda ao Brasil ainda criança. Viveu em São José do Rio Preto, onde também formou-se em Economia. O trabalho na área o permitiu deslocar-se para diferentes cidades, como Rio de Janeiro e São Paulo. Assim, em meados dos anos 1970, mudou-se para o Rio de Janeiro. Todavia, como encontrou poucas manifestações artísticas, algumas no campo da música, mas ainda muito embrionárias, decidiu, em 1975, partir para Londres, onde ficou por dois anos. Para ele, esse momento foi de extrema importância, pois possibilitou, sobretudo, acesso a publicações sobre as neovanguardas (Fluxos, Acionistas Vienenses, John Cage, entre outros). Quando voltou ao Brasil, especificamente a

São Paulo, começou a produzir poemas experimentais, se aproximando de grupos de recitais, de literatura e de performance.

Assim, a produção de Alex Hamburger é marcadamente heterogênea, que se expandiu do campo da palavra para a interdisciplinaridade e a experimentação. É autor de obras performativas, que, desde dos anos 1980, reverberam as inquietações do artista em experimentar os entrecruzamentos entre objetos, livros de artistas, performances, instalações, vídeoartes, fotografias, poesias verbais, visuais e sonoras. “*O poeta contemporâneo deve ser um artista multimídia*”, nos disse em nosso encontro.

Ao longo da sala expositiva, pudemos encontrar esses deslocamentos poéticos presentes nas documentações, nas obras expostas e nas cartas endereçadas a outros artistas e críticos de arte, como Ricardo Basbaum, Roselee Goldberg, Dick Higgins, Alison Knowles, Richard Kostelanetz, entre outros. Estão presentes publicações, cartas, poesias sonoras, poemas-objetos e registro/relato raros de performances, como *Tricic(l)age* (1986), performance realizada com Marcia X (sua parceria na arte e na vida por oito anos), no Teatro Cecilia Meirelles, no evento em homenagem à vinda de John Cage ao Brasil.

Em meio à apreensão de Cage, ao som de *winter music*, Hamburger e Marcia X montam em triciclos e os dirigem no palco. “Ser serrote não é defeito, defeito é viver serrando”, estava escrito no cartaz que Marcia X segurava com a boca. Diante da reprovação de Caetano Veloso, lançada desde que os viu se aproximar da ribalta, Hamburger e Marcia X percorrem o palco, atravessando em ziguezague por

debaixo dos pianos de calda, integrando os rangidos dos triciclos à composição dodecafônica.

Mesmo antes de começar a parceria com Márcia X, Hamburger realizou algumas performances, como a performance *Manifestação Pânica*, no Planetário do Rio de Janeiro, e a intervenção *Sub*, realizada nos corredores da Galeria Candido Mendes. Como a intervenção não autorizada pela Galeria, o artista foi retirado da Instituição que não concordou com a proposta.

Na entrevista, o artista destacou que o encontro com Marcia X foi o encontro com alguém que conseguia dialogar e reverberar suas propostas artísticas. Assim, de 1984 a 1986 a dupla começou a marcar presença no cenário artístico/experimental. *Anthenas da Raça*, de 1985, foi uma de suas primeiras performances. O título faz alusão a frase de Ezra Pound “Poetas são antenas da raça”. A proposta surgiu quando viram um casal de camelôs vendendo antenas no Largo da Carioca e ficaram inquietados com a maneira performativa que as comercializavam, daí os convidaram para integrar a uma performance. Enquanto o casal vendia as antenas, Marcia X e Alex Hamburger liam textos, escovavam os dentes, ou seja, realizavam ações voltadas para o cotidiano. Nesse mesmo, no lançamento do jornal alternativo *Alguma Poesia*, na 2ª Feira do Livro no Fashion Mall, realizaram a performance *Cellofane Hotel Suite*. Hamburger, vestido de “homem sanduiche”, lia poemas, e Marcia X, com uma roupa de plástico transparente – pintada de vermelho nas partes íntimas. Em dado momento, Hamburger corta tais partes da veste, deixando aparente o corpo da artista. Tal



ação gerou desconforto por parte do público presente, que acabou acionando os seguranças armados do Shopping e exigindo que se ela vestisse e se retirassem do local. A repercussão do evento gerou uma matéria no jornal e uma socialite homônima da artista se pronunciou em uma coluna social pedindo para ser desvinculada de tal evento. Isso fez com que a artista, antes Pinheiro, substituísse o sobrenome pelo pseudônimo Marcia X. Os artistas exploravam no campo da performance um gesto de descolamento da normatividade, provocando o escárnio e propondo novos elementos de reflexão para o circuito artístico.

Encontramos também expostos em *Signos em Rotação* trabalhos dos anos 1990, como *Biscoito Final* (1991-1992), *livrospoesma* ou *poemobjeto*, em homenagem a Oswald de Andrade. O artista incorpora a frase “a massa ainda comerá o biscoito fino que fabrico” e cria um *livropoesma* tendo como matéria-prima um biscoito. Hamburger destaca que criou um poema concreto, no sentido literal, pois é um objeto tridimensional que pode vir a ser manipulado. Este trabalho é um exemplo das proposições de Hamburger, que têm como características explorar a irreverência e a ironia através da poesia e objetos apropriados. Como podemos ler em *Poemobjetos*, de 1990, exposto em *Signos em Rotação*:

Os poemobjetos (livrospoesmas) inauguram fase em que, sem ter esgotado o uso dos recursos léxicos (palavra), pretendo ampliar com componentes não-linguísticos (ópticos, tácteis) suas principais indagações e/ou insumoprodutos. Com efeito, os tempos se anunciam no horizonte sob o signo do polidimensional e do múltiplo, mescla do escrito, sonoro, dito posto em contacto, posta em imagens, fixas ou animadas, representações naturais, representações naturais para uma era muito anunciada como Science-fictional. Advento definitivo, no campo do conhecimento, do procedimento inferencial – transmissão, acuidade -, busca de contrastes de confrontos que fatalmente aflorarão no decorrer



dessa época sinestésica. Nas metrópoles as funções e os agentes se deslocam e se entrelaçam como na tela de um videogame, onde os elementos, materiais e imateriais, se justapõem em sintonia com o canal de escolha do jogador, artista, ou não; - comercio, interferência nos circuitos e nos métodos; ruído na informação em formação permanente; subestação repetidora de sinais apontando para o final do século da automação e dos movimentos de rotação pré-determinados.

Para a exposição, foram selecionadas algumas performances, como *Rei dos Copinhos*, realizada no Paço Imperial, em 1994. Nela, Hamburger resgata uma brincadeira de infância, onde batia com as mãos no corpo criando sons. Segundo ele, depois que o som começou a ser explorado em suas investigações, percebeu que poderia incorporar o corpo, a partir desse atrito com as mãos que emitem sons.

Também produzidos nos anos 1990 encontramos performances sonoras e poemas fonéticos, como poemas *nonsense*, que exploram o campo da escuta e uma saída do campo da visualidade para o campo da sonoridade. Para a exposição foram selecionadas obras do seu primeiro CD de poesia sonora, *12 Sonemas*, de 1993, além de trabalhos mais recentes, como: *Hard disk* (2002), *Tele-fonemas* (2014) e *12 Sonemas* (2014), que exploram os aspectos fonetistas da palavra (poesia fonética) e do aparelho fonador humano (poesia sonora).

Também dos anos 2000 encontramos em *Signos em Rotação* os *abjetos*: objetos encontrados ao acaso, que dialogam com os *poemas abjetos*, que de forma irônica e atemporal remetem ao Dadá. Em texto produzido para a exposição, Ricardo Basbaum escreveu: “trazer Marcel Duchamp para o Catete [bairro central de suas atividades] não é mero deslocamento, pois é preciso re-situar as práticas de



invenção diretamente ao nível das ruas, reinventá-las para o vocabulário das conversas locais”.

Entre os registros de performances, o espectador poderá experimentar a série *Música em ação* (2013), ação sonora realizada no evento Bicletaria Cultural, em Curitiba, em que o artista transforma sugestões sonoras em intervenções vivas, divididas em seis peças: (1) *Serenata Inorgânica: aparelho de fazer bolas de sabão, caixa e trompete*; (2) *Musaka: com folhas/ partituras e estante emula mic e guitar Hendrix*; (3) *Circular Fonográfica: leitura de um texto ready made da Sony: pedestal, vareta de maestro*; (4) *Music theatre é uma composição de 1963 de Takehira Kosuki, um fluxista, e pioneiro da action music, interpretada por Alex Hamburger: cartolinas, baldinho de tinta, caneta pilot e o texto “Keep Walking intently” (permanença andando intencionalmente)*; (5) *Vox Populi: mostrar para o público os discos de vinil, compactos de 33’, sentado à mesa anunciando-os por cantor e nome de disco*; (6) *Sonia: “numa audiência comemorativa não poderia deixar de ter um bolo!”: bolo, velinhas e sopros!*.

*Doctypes* (2016) é um dos seus mais recentes trabalhos. Trata-se de um livro-objeto em que o artista se apropria de códigos HTML do seu perfil do facebook. Nas palavras de Basbaum: “O experimento mais recente, aposta na saturação da linguagem – ilegível, sem voz, infinita em sua replicação – re-encenando o artista que resiste no contrafluxo da máquina, agora digital e em rede, sincronizada com as estações de controle”. Na verdade, sua intenção, a princípio, era que a diretora do CMAHO o orientasse na edição desse trabalho. Porém, Izabela Pucu o propôs



uma retrospectiva de sua carreira. Como escreveu no texto de curadoria da exposição:

Atuação constante e, na mesma medida, irregular, marcada por forte carga performativa, crítica e conceitual, que resultou em livros, livrosobjetos, abjetos; que foi anotada em papezinhos discutida em cartas e textos; que ganhou corpo em aparições performáticas aqui e ali, registradas em vídeo, em palavras “no ar”, que ganhou forma e arqueologia no seu arquivo pessoal, que reunidos pela primeira vez (!), ganharam potência significativa (PUCU, 2016).

*Signos em Rotação* problematiza o “contínuo”. Suas propostas provocam e instigam no espectador/ouvinte/participador formas de resistir e ressignificar os pares arte-vida. Hamburger é um artista “multimídia”, ligado à performance ou a poéticas mais efêmeras que corre à margem. “*Sempre procurei boicotar a arte*”, nos diz, para não ser capturado pela estrutura mercadológica ou museológica, mas poder confrontar o circuito de artes. “*Não produzir seria hoje um ato revolucionário? [...] mas é um paradoxo*”. Com os trabalhos de Alex Hamburger, a relação da criação com a arte é posta como que em uma “fita de Moebius”: seu processo artístico estimula constantemente a rotação e a transformação das “situações limites”, em um permanente jogo de confronto do que está dentro e fora ao mesmo tempo.

